

volume

25/1

Dezembro/2019

ISSN 2596-2876

ICH - UFPel



História em revista

revista do núcleo de documentação histórica



dossiê: **História Oral**

Hist. Rev. Pelotas Número 25/1 p.1 - 132 dez. 2019





**Obra publicada pela
Universidade Federal de
Pelotas**

Reitor

Pedro Rodrigues Curi Hallal

Vice-Reitor

Luis Isaías Centeno do Amaral

Direção de Gabinetes da Reitoria

Taís Ullrich Fonseca

Pró-Reitora de Ensino

Maria de Fátima Cóssio

*Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e
Inovação*

Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Francisca Ferreira Michelin

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

Mário Renato de Azevedo Jr.

Pró-Reitor Administrativo

Ricardo Hartlebem Peter

*Pró-Reitor de Gestão da Informação e
Comunicação*

Julio Carlos Balzano de Mattos

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Otávio Martins Peres

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Sérgio Batista Christino

*Editora e Gráfica Universitária - Conselho
Editorial*

Pres. do Conselho Editorial: João Luis Pereira

Ourique

Repr. das Engenharias e Computação: Darci
Alberto Gatto

Repr. das Ciências Biológicas: Flávio Roberto
Mello Garcia e Marines Garcia (suplente)

Repr. das Ciências da Saúde: Francisco
Augusto Burkert Del Pino e Claiton
Leoneti Lencina (suplente)

Repr. das Ciências Agrônômicas: Cesar Valmor
Rombaldi, Guilherme Albuquerque de
Oliveira Cavalcanti (suplente) e Fabrício de
Vargas Arigony Braga (suplente)

Repr. das Ciências Humanas: Márcia Alves da
Silva e Cláudio Baptista Carle (suplente)

Repr. das Ciências Sociais Aplicadas: Carla
Rodrigues Gastaud

Repr. das Linguagens e Artes: Josias Pereira da
Silva e Eleonora Campos da Motta Santos
(suplente)

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

Vice-Diretora: Profa. Dra. Andréa Lacerda
Bachettini

*Núcleo de Documentação História da UFPel –
Profa. Beatriz Ana Loner*

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado
Lopes

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

História em Revista – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes
Prof^a Dra. Lorena Almeida Gill

Conselho Editorial:

Prof^a Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)
Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Prof^a Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSC)
Prof^a Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Prof^a Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editores: Lorena Almeida Gill | Pablo Alejandro Pozzi | Robson Laverdi

Edição e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Pareceristas ad hoc: Ana Sosa Gonzalez (UFPel) | Geni Rosa Duarte (Unioeste) | Ilton Cesar Martins (UNESPAR) | Losandro Antonio Tedeschi (UFGD) | Luís Fernando Cerri (UEPG) | Maralice Maschio (FAMA) | Méri Frotscher Kramer (Unioeste) | Rosângela Zulian (UEPG) | Eudes Fernando Leite (UFGD)

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 | Fone/fax: (53)3227 8411
e-mail: editora@ufpel.edu.br

Edição: 2019/1

ISSN – 2596-2876

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB -
10/864

História em revista / publicação do Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. v.25/1, (dez. 2019). – Pelotas: Editora da UFPel, 2019. 1v.

Semestral
ISSN 2596-2876

1. História - Periódicos. I. Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

Indexada pela base de dados Worldcat Online Computer Library Center

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208 -

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

*** Obra publicada em abril de 2020**



MELILLA-MARROCOS: (CON)JUNÇÕES FRONTEIRIÇAS. UM DEBATE TRANSDISCIPLINAR.

MELILLA-MOROCCO: BORDER CONJUNCTIONS. A TRANSDISCIPLINARY DEBATE.

Suzanne Maria Legrady¹

Resumo: O presente artigo discorre sobre um caminho investigativo transdisciplinar com base na pesquisa de campo desenvolvida (entre outubro e dezembro de 2018) no espaço fronteiriço de “luta” Melilla-Marrocos. A “colcha de retalhos”, expressão utilizada por Alessandro Portelli, é tecida com a ajuda de (con)junções (trans)fronteiriças, conferindo a perspectiva Multifacetada à História Oral e entrelaçando-a a outros campos disciplinares, como por exemplo a Linguística, a Sociolinguística da Globalização e o reconhecimento dos signos da Língua(gem) Visual.

Palavras-Chave: Fronteiras, Melilla-Marrocos, História Oral, História Global, Sociolinguística da Globalização, Linguagem Visual.

Introdução

Este artigo propõe um caminho transdisciplinar que decodifica sistemas transfronteiriços conjugados, sintonizando-se à formulação de Lepetit (1998, p.88-89): “O sistema de contextos, restituído pela série das variações do ângulo de mira e da acomodação óptica, possui um duplo estatuto: resulta da combinação de milhares de situações particulares e ao mesmo tempo dá sentido a todas elas.”

As ideias propostas têm seu ponto de partida no espaço de “experiência humana” e parafraseando Thompson (1978, p. 200-201):

A experiência chega sem bater na porta e anuncia mortes, crises de subsistência, guerras, desemprego, inflação, genocídio. Pessoas passam fome: os que sobrevivem pensam o mercado de outra forma. Pessoas são presas: na prisão meditam sobre a lei de novas maneiras (...) Dentro do ser social ocorrem mudanças que dão origem a uma experiência transformada: e essa experiência é determinante, no sentido de que exerce pressões sobre a consciência social existente, propõe novas questões e oferece grande parte do material com que lidam os exercícios intelectuais mais elaborados.

¹ Investigadora do Programa de Pós-Graduação em História Global da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: sumurcia@gmail.com

As reflexões apresentadas neste artigo são fruto da pesquisa de campo realizada na fronteira Melilla-Marrocos entre outubro a dezembro de 2018 e das respectivas complementaridades tecidas entre janeiro e abril de 2019. O trabalho está em andamento e já tem disponível um repertório de História Oral equivalente a quarenta e três entrevistas. Ainda que seja uma pesquisa que todavia está em processo de análise e interpretações das fontes históricas, já aponta para um riquíssimo campo investigativo transnacional e transdisciplinar. A semente que germinou e frutificou em tal investigação foi o trabalho de acolhida a imigrantes desenvolvido pela autora deste artigo, entre 2003 e 2007, na cidade espanhola de Zaragoza. Naquela ocasião, já havia um grande anseio de direcionar um olhar atento aos seres humanos que protagonizam o cotidiano fronteiriço no enclave espanhol de Melilla: complexo espaço que marca a separação entre o norte da África e o sul da Europa. A recente participação da investigadora no Programa de Pós-Graduação de História da Universidade Federal de Santa Catarina foi a que viabilizou a concretização da rica coleta dos dados em campo.

O processo de fundamentação teórico-empírico tem relação com o (re)conhecimento de pressões vivenciadas por sujeitos impactados pelas experiências no “espaço fronteiriço de luta”. Como Mezzadra e Neilson (2017, p. 351, tradução minha) incisivamente afirmam: “de forma muito real, as lutas das fronteiras já não se situam nas margens, mas sim no centro das nossas vidas políticas”. Justamente foi a concepção da fronteira como o centro da experiência contemporânea que converteu o “lugar de luta”. Há de deixarmos claro que concebemos a fronteira Melilla-Marrocos como um espaço fronteiriço de luta porque seu cotidiano está impregnado de práticas, desumanamente contraditórias, de controle do eixo contrair-expandir. Ou seja, a mobilidade humana está à mercê da fricção entre ações de negação da passagem de alguns corpos versus a permissão da passagem de outros. Conforme interesses de ordem política e econômica, há a instrumentalização de métodos para contrair (contrariar) a entrada dos seres considerados indesejados e, por outro lado, o mesmo sistema expande seu domínio de poder, usando como força de trabalho as pessoas que *a priori* foram negadas, mas que conseguiram transgredir as barreiras impostas.

Melilla-Marrocos no fio condutor das reflexões aqui expostas. Não partimos de um exercício concebido meramente do esforço intelectual, mas da conjugação entre o conhecimento e a vivência.

² Baseado nas teorias de Mezzadra e Neilson (2017).

A frase de Antonio Ruiz³, fotojornalista melillense, é aquela que melhor traduz a importância de viver a fronteira e de não somente concebê-la desde longe: “Insisto, para falar da fronteira há de pisá-la”. E a autora deste artigo pisou na fronteira Melilla-Marrocos. A partir da impactante experiência, todo o trabalho tem sido construído, passo a passo, sob o efeito do fascínio do “ter estado ali”.

Nesta introdução, devemos ainda aclarar que este artigo não tem como objetivo apresentar um panorama completo do projeto historiográfico “Melilla-Marrocos, a fronteira multifacetada do Sul da Europa e do Norte da África”, tanto pela densidade de informações quanto pela motivação específica, para esta publicação, de abordar as possibilidades multifacetadas e transdisciplinares dos estudos fronteiriços.

Da mesma forma que adjetivamos a fronteira Melilla-Marrocos como multifacetada, propomos fazê-lo com a História Oral. Sendo assim, o repertório da História Oral Multifacetada (proposta terminológica apresentada pela primeira neste artigo⁴) faz-se presente no estudo tanto pela sua (con)junção com a “humanidade do ser” quanto pelo seu empenho em aglutinar memórias que contribuem para a formação de “corpus” investigativos que agregam elementos de diferentes áreas do saber.

Seguindo esta linha de raciocínio, a História Oral Multifacetada tem o potencial de evidenciar histórias no âmbito da Política Cultural das Emoções de Sara Ahmed (2015) que nos faz refletir sobre a crucialidade de repensarmos as nossas próprias atuações, porque as lutas emocionais contra as injustiças precisam ir muito além do uso retórico das palavras.

Como Ahmed bem destaca, o movimento proposto não se destina a um “seguir adiante” ou a usar as emoções para “mudar o lugar”. O mover-se

³ Entrevista de História Oral realizada em 01 de novembro de 2018. Antonio Ruiz é fotojornalista freelancer, colaborador do jornal espanhol “El País”, além de outros meios como *eldiario.es* e *France-Presse*. Já teve suas fotos publicadas no *El Clarín* (Argentina), no *Corriere della Sera* (Itália), na *Revista Times* e na *Life Magazine* (extinta no ano 2000).

⁴ A ideia de tratar a História Oral como Multifacetada nasceu graças à identificação de muitas faces identitárias na fronteira Melilla-Marrocos, conduzindo este estudo para o caminho investigativo que vislumbra o rompimento de fronteiras entre seres humanos de diferentes identidades por meio das aproximações interpessoais viabilizadas pela aplicação da metodologia de História Oral. A História Oral, portanto, tem o poder de trazer à tona não apenas memórias, mas também de configurar um painel multidimensional de elementos humanos.

leva-nos a uma forma de trabalho que abre diferentes tipos de vínculos com os outros e é necessário que tenhamos claro que as emoções implicam em diferentes caminhos com sentido apontado ao “outro”. Conhecer as diversas articulações ao redor dos afetos constitui um dos elementos primordiais do processo de compreensão da história da fronteira que complexamente é multifacetada, porque tem relação (obrigatoriamente) com a capacidade de todo sujeito, sem exceção, “afetar” a outros e “ser afetado” por outros participantes do emaranhado das interligações do sistema-mundo. Ou seja, a (co)habitação na aldeia global leva-nos obrigatoriamente à (co)existência humana e a inúmeros desdobramentos. Todas as ações e reações nos âmbitos político, econômico, social, cultural e ambiental geram impactos fronteiriços diretos ou indiretos. E aqui estamos falando de fronteiras diversas (que vão muito além das representações cartográficas), tais como: humanas, cognitivas, temporais, espaciais, sociais, linguísticas e jurídicas.

O Berço da Proposta

Melilla-Marrocos não versa apenas sobre uma fronteira entre a Espanha e o Marrocos, entre a União Europeia e a África. Trata-se também de uma janela da região rifeña⁵, da porta de entrada e de saída do mundo islâmico, de um sulco de esperança para imigrantes e refugiados originários de diversos países, da passagem de crianças e jovens estrangeiros pelo limite fronteiriço rumo a um novo amanhã, de uma fissura para o tráfico de drogas, de uma rota para a atuação de máfias, de uma greta para o contrabando de mercadorias e de um salão de chá⁶ da hibridação cultural. Estamos diante de uma Fronteira Multifacetada.

Melilla (mapa 01) é uma cidade africana (pela sua condição geográfica) e, ao mesmo tempo, europeia (pelas marcas históricas e políticas). É um enclave espanhol situado no norte da África, concretamente na parte noroeste do Magrebe (região do Rife), banhado pelo mar Mediterrâneo, frente

⁵ Rife é uma região composta por “zonas montanhosas e zonas verdes do noroeste da África” (MOHAMED, 2017, p. 327). Os seus habitantes são “*imazigen* e árabes e o idioma materno de parte da população é o *tamazighit rifeño*, o *tarif*, ainda que também se fale o árabe dialetal ou *daríja*, o francês e o espanhol, que constituem as principais línguas estrangeiras”(p. 327, tradução minha).

⁶ Salão de chá = metáfora que resolvemos adotar a partir das *teterías* presentes em Melilla, onde pessoas de diferentes culturas podem apreciar o *té moruno* (marroquino) e outros tantos tipos de chá (levados à zona fronteiriça de Melilla pelos povos hindus, sefarditas, dentre outros).

à Península Ibérica (diante das costas andaluzas junto ao mar de Alborão, parte mais ocidental do mar Mediterrâneo). Sua faixa territorial corresponde a 12,3km² e são quatro os postos fronteiriços de controle entre Melilla e Marrocos: *Beni-Enzar, Barrio Chino, Farhana e Mariguari*.

Mapa 01: Melilla – Enclave espanhol na África



Fonte: *Univiedo – Facultad de Comercio, Turismo y Ciencias Sociales Jovellanos*

O contingente populacional atual (dados de 2018) de Melilla equivale a 86.384 habitantes, sendo 84,37% espanhóis e 15,63% estrangeiros. 90,30% do total de estrangeiros são marroquinos.⁷ Mais de 50% da sua população é de origem *amazigh*⁸. Também devemos ter em mente que uma parte da população melillense, ainda que em número reduzido atualmente, advém de famílias judias (em torno de 1000) e hindus (em torno de 100). Além disso, estima-se que há a entrada diária (exceto às sextas-feiras, dia de oração muçulmana, aos sábados e domingos) de 20.000 a 30.000 marroquinos(as) em Melilla, com o objetivo de

⁷ Fonte: INE – Instituto Nacional de Estadística – Dados de 01 de janeiro de 2019.

⁸ Segundo Mohamed (2017, p.326) há um movimento de reivindicação para o uso do termo “*amazigh*” (cujo plural é “*amazighen*”) no lugar de “*bereber*” (berbere), por considerarem esta última pejorativa, já que é na sua origem grega (“*barbaroi*”) era usada para denominar depreciativamente a todos os povos que se negavam a integrar-se na civilização greco-romana. Eram, então, chamados de “bárbaros”. Vide bibliografia.

efetuar compras de mercadorias, prestar serviços na cidade, atuar como porteadores(as)⁹ou, simplesmente, visitar parentes.¹⁰

Melilla é uma cidade espanhola que há muito tempo serve de cenário para a íntima experiência de vizinhança entre os sujeitos colonizadores e os sujeitos colonizados, os quais passaram por diversas adaptações ao longo da trajetória histórica de coexistência enquanto vizinhos “de parede”, dentro de um espaço territorial “periférico”, às margens do cotidiano de Madri e Rabat (centrais de comando). E por que não dizer que Melilla também foi afetada pela empreitada colonial? A sociedade melillense (uma sociedade rifenha-espanhola) também foi “afetada, influenciada e alterada pela experiência colonial”, expressão emprestada de SACHSENMAIER (2007, p. 487) para explicar a vivência simbiótica entre o colonizador e o colonizado. Há de se considerar as hibridações e os empréstimos culturais (de ambas as partes). A visão tão-só binária (“Melilla colonizadora” versus “Marrocos colonizado”) é demasiadamente pequena para a capacidade avassaladora dessa relação adornada com diferentes adereços de contornos múltiplos e que oscila entre a (co)existência (obrigatória) e a (con)vivência (plural).

Castro (2016, p. 11, tradução minha) afirmou: “É uma cidade de amplas ruas e lugares tortuosamente construídos. Existem monumentos da contradição, materiais e imateriais e há muitos”. O autor elencou várias contradições, dentre elas (p. 12, tradução minha): “Falar das bondades paisagísticas do norte da África, querer vendê-las e obter benefícios, sem ter em conta o Marrocos, país que nos rodeia e que dele dependemos tanto. Usar pouco o nome África. Não assumir nossa posição além de queixar-nos da distância¹¹ sem explicar as compensações”. A situação geopolítica, econômica, social,

⁹ Porteadores(as): Mulheres e homens marroquinos que carregam pesados fardos de mercadorias da Espanha para o Marrocos. Na região, essa atividade é conhecida como “comércio atípico”, ainda que seja, na realidade, contrabando. As porteadoras e porteadores desempenham esta função para garantir suas sobrevivências e de suas famílias.

¹⁰ Estes dados foram organizados a partir do levantamento de informações publicadas na segunda edição (2012) do Estatuto da Autonomia de Melilla. As atualizações foram feitas com base nas informações obtidas junto à *Delegación del Gobierno de Melilla* (em dezembro de 2018) e a visitas à direção eletrônica do INE – *Instituto Nacional de Estadística da Espanha*.

¹¹ O autor refere-se à distância de Melilla à Península Ibérica. Para chegar à parte peninsular da Espanha se leva de 5 a 8 horas em *ferryboat*. O tempo varia conforme a empresa que faz a rota, as condições do Mar e da cidade de destino (Almería, Málaga ou Motril (Granada)).

cultural e ambiental de Melilla lhe conferiu imbricações que englobam elementos rifeños, espanhóis, europeus, africanos, mediterrâneos, ocidentais, orientais, cristãos, muçulmanos, judeus, hindus, dentre alguns outros. A multiplicidade das convicções religiosas praticadas em Melilla (mais concretamente: muçulmana, cristã, judia e hindu) e o pluralismo linguístico são dois dos pontos diretamente relacionados à cotidianidade da Fronteira Multifacetada de Melilla-Marrocos.

Após essa resumida explicação sobre as múltiplas (con)junções da região, parece oportuno apostarmos na tese de que é imperativo que o mundo conheça as pressões exercidas sobre o espaço fronteiriço Melilla-Marrocos e sua laboração na história global, segundo a perspectiva proposta por Conrad (2015, p.71, tradução minha): “que aspira ser mais do que um repositório ecumênico e acolhedor de histórias felizes de encontros transfronteiriços” e que por isso “precisa se engajar sistematicamente à questão de transformações globais estruturadas” e reconhecer “seu impacto na mudança social”.

O que deve ser considerado aqui é que Melilla surpreende como espaço histórico de conflitos e de hibridação cultural (dois aspectos que se (con)fundem) e também como palco para vivências que produzem uma gama de possibilidades combinatórias entre o passado, o presente e o futuro. Chegamos ao âmago da proposta: (Con)Junções Multifacetadas.

Melilla é um lugar desconhecido globalmente e que passou a experimentar expressivas mudanças entre os anos de 1996 e 1998. Há uma paradoxalidade nisso, pois foram fenômenos globais, associados a poderes hegemônicos, os que causaram profundas mudanças e sucessivas crises na região fronteiriça de Melilla-Marrocos. Os efeitos das pressões externas levaram a zona ao transbordamento e, ainda que os fatos ocorridos localmente tenham relação direta com significantes engrenagens regionais e globais, Melilla continua sob uma condição de “oculta”. Nem sequer podemos utilizar a adjetivação “esquecida”, porque só é esquecido aquilo que é conhecido. Melilla é efetivamente desconhecida e um “laboratório”, depositário de muitas (Con)junções Multifacetadas e de inúmeras micro-histórias que são frestas a

¹² A primeira cerca entre Melilla e Marrocos foi construída em 1971, em consequência à ocorrência de uma epidemia de cólera em Nador, cidade marroquina fronteiriça. Foi quando o governo central da Espanha decidiu construir uma cerca militar de um metro de altura que ficou sob a custódia dos soldados espanhóis do Exército de Terra. Desde a criação desta primeira cerca até os anos 1990, a imigração era majoritariamente magrebina. Com o passar dos anos, os fluxos migratórios mundiais sofreram significativas mudanças. Desta forma, foram erguidas, entre 1996 e 1998, as primeiras “*vallas*” (*cercas alambradas altas*) que dividiram claramente os territórios melillense e marroquino.

partir das quais podemos olhar a dinâmica das relações humanas, sociais, culturais, políticas, econômicas e ambientais da esfera local à global.

Tenhamos em mente que a fronteira Melilla-Marrocos é uma das partes de um conglomerado muito mais amplo de relações políticas, diplomáticas, sociais e culturais. Metaforicamente, podemos afirmar que estamos frente a um jogo de xadrez. As peças são movidas no tabuleiro sob distintas condições de poder e mobilidade. A combinação de “jogadas” resulta em situações amigáveis ou adversas. Assim se dá o funcionamento não apenas da fronteira de Melilla-Marrocos, mas das inúmeras fronteiras participantes do grande sistema mundial de segregação-união. O jogo entre poder e mobilidade afeta não apenas o tabuleiro local, mas todos os outros que compõem o tabuleiro maior: o global. Retomaremos mais adiante, nas conclusões, esta figura metafórica.

Outro ponto a ser destacado é que há muita (con) fusão que permeia o cotidiano fronteiriço. Justamente é esse o cenário que nos leva à convicção de adotar uma multifacetada (con)junção entre Fronteira e História Oral, já que a História Oral tem uma vocação para “conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade” (ALBERTI, 2008, p. 164). A História Oral tem, portanto, uma força mediadora que não ocorre para intervir diretamente nos conflitos, mas sim para (re)conhecê-los, bem como enxergar, escutar e interpretar as narrativas desde diferentes matizes. A ideia é a de combinar e fundir experiências de lutas fronteiriças e não de incitar as sublevações fronteiriças. A História Oral, como se pode perceber, tem também um papel propagador de práticas de paz, por meio das quais são colocadas distintas perspectivas sobre o tabuleiro de múltiplos contrastes.

Os conflitos (armados e não armados) geram fraturas e desestruturações e produzem um círculo vicioso de degradações das condições sociais. A migração é uma das possibilidades engendradas para o fim de sofrimentos (situações vividas e indesejadas) e o início de redensões (situações imaginadas e desejadas). Os sujeitos sonham com a melhoria das suas condições de vida. E este não é um fato novo, pois a história da humanidade é marcada – desde a antiguidade – por guerras e êxodos migratórios. O que os novos ventos dos novos tempos trouxeram consigo foi a (re)configuração do sistema-mundo e novas práticas de pressão sobre as fronteiras que não só separam, mas que também misturam componentes, confundindo, mixando, diluindo as certezas. Isso tem relação direta com o contexto fronteiriço Melilla-Marrocos, porque além de toda complexidade apresentada até então (permeada pela vizinhança “colonizador-colonizado”), existem os fluxos migratórios subsaarianos e dos

países árabes, os quais utilizam Melilla como porta de entrada para a Europa e passagem para uma terra de “bonanças” e um futuro sonhado.

Wallerstein (1974, p. 337) definiu que: “Um sistema mundo é um sistema social, um sistema que possui limites, estruturas, grupos associados, regras de legitimação e coerência. A sua vida é feita das forças em conflito que o mantém unido por tensão e o dilaceram na medida em que cada um dos grupos procura eternamente remodelá-lo a seu proveito”. Aqui, então, entra um conceito chave para a associação da Fronteira e da História Oral sob a qualificação multifacetada: a (in)coerência entre união e dilaceração.

Ferrer-Gallardo (2008, p.131, tradução minha) se refere à fronteira entre Espanha e Marrocos como:

Uma fronteira de fronteiras, construída sobre a base de um fascinante amálgama de conflitos e alianças: Espanha-Marrocos, cristianismo e islão, Europa e África, território EU13 e território não-EU; norte opulento e sul empobrecido; antigo colonizador e antigo colonizado.

Conflitos e alianças se (con)jugam na construção de uma história que não pode basear-se na unilateralidade, ou seja, só do lado do conflito ou só do lado da aliança. Há de se confrontar as informações dos dois e, mais ainda, ir além: enxergar também o vão criado entre os dois. Esse é o mundo dos abismos fronteiriços. E pelo fato da História Oral valorizar “cada pessoa como um amálgama de grande número de histórias em potencial, de possibilidades imaginadas e não escolhidas, de perigos iminentes, contornados e por pouco evitados” (PORTELLI, 1997, p. 17), ela se (con)juga com precisão ao “amálgama de conflitos e alianças” da “fronteira das fronteiras” anunciado por Ferrer-Gallardo.

A História Oral, portanto, viabiliza a tarefa de reconhecimento de múltiplas abordagens fronteiriças, as quais também têm relação com o valor polissêmico da palavra fronteira. São inúmeros os desdobramentos, mas nos concentraremos apenas em dois dos prismas: 1. Surgimento das fronteiras como consequência de processos históricos; 2. Significados atribuídos à fronteira conforme os movimentos (trans)disciplinares.

¹³ EU = *European Union*

No tocante ao primeiro item, a história da concepção de fronteiras tem seus pilares fundamentais na antiguidade. Brunet-Jailly (2005) ressalta que durante o Império Romano, sob a concepção da política expansionista, houve uma hierarquização dos espaços conquistados. Já na Idade Média, o destaque ficou para o controle e a defesa de territórios ao invés da delimitação de espaços. As técnicas de mapeamento realizadas por geógrafos possibilitaram o avanço da visão espacial das possessões.

A colonização e a descolonização europeia na América, África e Ásia (entre os séculos XVI e XX), bem como os acordos políticos e legais foram determinantes para a concepção de “linhas globais” (MEZZADRA e NEILSON, 2017, p. 22). Ainda segundo tais autores (p.23), tais linhas, acordos e divisões geográficas: “(...) forneceram um modelo para a divisão colonial do mundo e para a regulação das relações entre a Europa e o seu exterior”.

O século XX foi marcado pelos turbulentos movimentos da descolonização, pela imposição da soberania do Estado-nação e pelas duas guerras mundiais, configurando-se como uma “explosão desta geografia política” (MEZZADRA e NEILSON, 2017, p. 23).

A hegemonia estadunidense (após a Segunda Guerra Mundial e o estabelecimento do Plano Marshall), seu desmoronamento após uma sucessão de fatos históricos e a crise econômica mundial formam uma trama que deu espaço a novas concepções fronteiriças que criaram mais instabilidades e diversificações nas relações de poder. A reorganização entre Estado e capital passou a ser ponto chave na recomposição das fronteiras que deixaram de estar atreladas apenas a espaços físicos contíguos.

Quanto ao segundo ponto determinante na problematização polissêmica da palavra fronteira, ou seja, o aspecto dos diferentes significados e representações conforme um debate disciplinar, não podemos negar o impacto da globalização na configuração das relações (trans)disciplinares e (trans)nacionais, as quais tiveram as suas distâncias encurtadas graças ao desenvolvimento de tecnologias da informação e da criação de velozes mecanismos de comunicação entre pessoas atuantes em diferentes campos profissionais e localizadas em distintas partes da aldeia global. Isso propiciou

uma aceleração das interconexões, da reconfiguração dos estudos inseridos em diferentes segmentos e gerou hibridações diversas (metodológicas, culturais e linguísticas, dentre outras).

Mezzadra e Neilson (2017) levantam outro aspecto importante quanto às fronteiras e o conhecimento. Para eles, as fronteiras são essenciais nos processos cognitivos, já que proporcionam o estabelecimento de taxonomias e de hierarquias conceituais que têm a capacidade de estruturar os movimentos do pensamento. As fronteiras estabelecem sim uma divisão científica do trabalho por áreas disciplinares. Os autores afirmam que as fronteiras cognitivas são importantes filosoficamente e exercem um papel relevante na descrição universal do pensamento humano. O cognitivo aliado à ação, transferência de todo o conhecimento captado para o campo prático, levamos a inúmeras conexões entre memória, percepção, associação e linguagem no circuito transfronteiriço. Nada disso é possível sem que reconheçamos o componente humano (físico, mental e emocional) que protagoniza a luta das fronteiras.

Gloria Anzaldúa (1999) reconheceu a grande força do componente humano em luta e destacou o ódio, a ira e a exploração que se fazem presentes no espaço fronteiriço da identidade *mestiza*. O fronteiriço é feito do individual e do coletivo. Os componentes constitutivos se entranham e se mesclam. Ou seja, o pluralismo dos tipos de conhecimento e das diferentes expressões também define o que é uma fronteira. As inquietudes múltiplas dos sujeitos que vivenciam os perigos da fronteira que entrecruza mundos diversos foi abordado por Anzaldúa (1999, p. 99, tradução minha): “Porque eu, uma *mestiza*, continuamente saio de uma cultura em direção a outra, porque eu estou em todas as culturas ao mesmo tempo, alma entre dois mundos, três, quatro, me zumba a cabeça com o contraditório. Estou norteadada por todas as vozes que me falam simultaneamente.¹⁴”

¹⁴ “Because I, a mestiza, / continually walk out of one culture / and into another, / because I am in all cultures at the same time, / alma entre dos mundos, tres, cuatro, / me zumba la cabeza con lo contradictorio. / Estoy norteadada por todas las voces que me hablan / simultáneamente” (Anzaldúa, 1999, p. 99).

Essas palavras são a expressão dos sentimentos daqueles que se vêm pressionados pelo papel instável das fronteiras. Portanto, quem transpassa a fronteira carrega consigo múltiplas marcas das tensões sofridas e das incertezas acumuladas. Falar de fronteiras é falar de inclusão e exclusão que coexistem e que mutuamente se nutrem, testando a capacidade de perseverança e de (re)ação dos sujeitos contra os núcleos de controle de poder que fecham e abrem portas conforme suas próprias necessidades.

Como bem frisado por Ricoeur (2014, p. 175): “Há testemunhas que jamais encontraram audiência capaz de escutá-las e entendê-las.” E este é um dos papéis da História Oral Multifacetada no Espaço Fronteiriço Multifacetado: dar audiência para diferentes testemunhas, de diferentes coletivos, idades, culturas e ideologias que não se sentem consideradas, escutadas e entendidas. Não se trata de escrever uma história de cima para baixo ou de baixo para cima, mas sim uma História Multifacetada que, justamente, pelo fato de ter o conteúdo de História Oral como fonte central, cria uma identidade investigativa com “multiplicidade de pontos de vista”. Sobre isso Portelli (1997b, p.39) alerta:

A história oral não tem sujeito unificado; é contada de uma multiplicidade de pontos de vista, e a imparcialidade tradicionalmente reclamada pelos historiadores é substituída pela parcialidade do narrador. “Parcialidade” aqui permanece simultaneamente como “inconclusa” e como “tomar partido”: a história oral nunca pode ser contada sem tomar partido, já que os “lados” existem dentro do contador. E não importa o que suas histórias e crenças pessoais possam ser, historiadores e “fontes” estão dificilmente do mesmo “lado”. A confrontação de diferentes parcialidades – confrontação como “conflito” e confrontação como “busca pela unidade” - é uma das coisas que faz a história oral interessante.

A arte investigativa (como um corte e costura) encabeçada pela História Oral se baseia no trabalho de campo que “é, por necessidade, um experimento em igualdade, baseado em diferença” (PORTELLI, 1997, p.19) e que alicerça a contextura de uma história que se compõe graças a possibilidades plurais e não a verdades singulares.

Proposta das (Con)junções Multifacetadas

O foco da nossa proposta está na pluralidade do ser humano e nas subjetividades atreladas à (co)habitação do mundo. Nosso interesse é conhecer

a experiência da fronteira desde a humanidade do ser. Partindo deste princípio, jamais poderíamos dedicar-nos meramente a uma geografia das fronteiras. Somos direcionados não apenas para a geografia das relações humanas, mas principalmente por ela. O recorte e a costura dessa trama humana nos leva à premissa metodológica mais importante da nossa investigação: tudo parte dos sujeitos. Enxergar, ouvir os sujeitos e valorizar as suas falas é a grande prioridade do estudo. Sendo assim, a História Oral é vista como ponto de partida e não o de chegada.

A costura empírico-teórica que propomos tece pontos de encontro entre conceitos, teorias e metodologias concernentes à história local x história global e à história oral + língua(gem). Os recortes de tempo e de espaço se entrelaçam por meio de diferentes combinações. É um vai e vem contínuo entre muitas escalas que oscilam entre os âmbitos local, regional e global. Paralelamente, correm os fios relacionados com a ciência linguística: sociolinguística, análise de discurso e tradução.

A partir disso há uma (con)junção entre História Oral, Fronteira e Língua(gem) que transpassa as fronteiras disciplinares, causando uma hibridação de metodologias científicas. A História Oral ganha, portanto, o protagonismo e assume o papel de mediadora para a criação de intersecções entre as narrativas dos sujeitos transfronteiriços e os diferentes campos do conhecimento humano. Isso ajusta-se com perfeição à afirmação de Alberti (2008, p. 164) de que a História Oral está “afinada com as novas tendências de pesquisa nas ciências humanas, que reconhecem as múltiplas influências a que estão submetidos os diferentes grupos no mundo globalizado”.

Ao pesarmos na estreita relação entre a língua e as comunidades que habitam espaços fronteiriços globais, empreendemos uma fantástica viagem ao campo da Sociolinguística da Globalização que segundo a definição de Moreno-Fernández (2017, p.128, tradução minha) é “uma linha de investigação de base sociológica centrada na forma e no uso das línguas em contextos comunicativos vinculados a distintas manifestações da globalização”. A intenção é a de aproximarmos as análises discursivas no âmbito da História Oral a propostas feitas pela linha de pesquisa da Sociolinguística da Globalização, levando suas especificidades em consideração,

Em suas propostas no campo sociolinguístico, Blommaert (2017) ressalta que a história é repleta de ações sociais e culturais, não estando atada apenas a uma cronologia através da qual os eventos são pontuados. O tempo por si só (confinado) não nos dá informações sobre os sistemas sociais, os padrões e as estruturas das organizações humanas. A história contribui, em

conjunto com outras disciplinas, para o desenvolvimento de conceitos cuja própria natureza e direção apontam a conexões entre o passado e o presente. Aqui há a emergência de encontros de pistas para análises e interpretações de vários fenômenos relativos à trajetória dos seres humanos, em diferentes escalas de tempo e espaço.

Blommaert (2007, p.115, tradução minha) menciona ainda que uma das principais contribuições da sociolinguística tem sido a de demonstrar que: “(...) a “linguagem” é, durante o uso prático em situações reais, um repertório: um conjunto, culturalmente sensível, de gêneros, de estilos, de registros, com muitas formas híbridas e acontecendo por meio de uma gama variada de formas pequenas e grandes”. Esta citação reflete a exata explicação do que imaginamos como repertório narrativo da História Oral Multifacetada e serve de bússola para o entendimento das língua(gens) contidas em fontes orais e visuais, já que a linguagem abarca o campo semiótico.

Seguindo a pista das “formas pequenas e grandes” mencionadas por Blommaert, faz-se necessário um embasamento teórico para a interpretação de enunciados discursivos. O livro de Calsamiglia-Blancafort e Tusón-Valls (2001) é um exemplo de obra que aborda conteúdo para a análise de detalhes das composições narrativas.

As autoras elaboraram um manual, onde constam teorias de diferentes correntes dos estudos linguísticos e que serve de instrumento para quem deseja descobrir os “complexos mecanismos que subjazem ao uso da palavra, aos processos de elaboração e interpretação de enunciados.” (CALSAMIGLIA-BLANCAFORT e TUSÓN-VALLS, p. 11, tradução minha). Desta obra, ressaltaremos aqui as metodologias (relacionadas à comunicação oral) de entendimento da prosódia (entonação, intensidade e ritmo) e dos impactos paraverbais associados aos elementos que “estão na fronteira entre o gesto e a palavra” (p.54).

A entonação pode nos ajudar a descobrir modalidades oracionais (enunciativas, interrogativas e exclamativas) e a verificar ênfases e modalizações nas narrativas dos entrevistados. A intensidade empregada no volume da voz também conduz ao entendimento da ênfase em um assunto ou alguma estrutura discursiva. O ritmo está associado à velocidade, ou seja, morosidade, agilidade e pausas que podem nos propiciar pistas sobre as atitudes comportamentais, por exemplo, relaxadas ou tensas. No campo dos sons e ruídos que saem da boca, mas não são palavras propriamente ditas, temos as vocalizações que “podem servir para assentir, para mostrar desacordo ou impaciência, para pedir a palavra ou para manter o turno, para mostrar desprezo a quem fala ou ao que se diz”

(CALSAMIGLIA-BLANCAFORT e TUSÓN-VALLS, 2001, p. 54, tradução minha). Algumas das vocalizações são: exalações como suspiros ou bufadas, pigarreio, risos e choros.

A complexidade comunicativa em ambientes de hibridação cultural pode nos levar a (con)fusões interpretativas. Desta forma, outro tema imprescindível na proposta dialógica da Fronteira Multifacetada é o uso dos processos mecânicos de tradução. Eles são uma realidade e temos de considerá-los durante a aplicação da metodologia da História Oral.

Um dos entrevistados (um refugiado de nacionalidade síria), durante trabalho de campo no espaço fronteiriço Melilla-Marrocos, apresentou certa dificuldade para responder as perguntas em espanhol, já que seu domínio do idioma ainda era limitado. Por tal razão, recorreu à ferramenta de tradução do *google*. Respondia tudo em espanhol, mas quando não sabia alguma palavra consultava o tradutor online.

Moreno-Fernández (2017, p. 128) destacou que: “Se Umberto Eco afirmou há anos que a língua da Europa é a tradução (1994), bem poderíamos ampliar seu pensamento e afirmar que a verdadeira ‘língua global’ será a tradução, tanto na sua versão humana, como na sua versão automática”. Portanto, a contribuição da tradução na interpretação das fontes orais é determinante para desatar possíveis nós de desentendimento e para atar laços narrativos de entendimento, ajudando-nos na composição do repertório de Histórias Oraís Multifacetadas.

Merece aqui fazermos nova alusão à linha de pensamento de Mezzadra e Neilson (2017) que sugerem que o ponto de interesse no tangente ao espaço de luta (o fronteiriço) é a forma como as relações sociais (estabelecidas durante os encontros *beterolíngues*) e a tradução exercem impactos sobre temas fronteiriços como os de: circulação (de bens, pessoas e dinheiro), da comum existência e da (con)vivência.

Narrativas de Nora e Titi

Portelli (1997, p. 18) discorreu sobre a História Oral como uma arte do indivíduo e que, portanto, “leva ao reconhecimento não só da diferença, como também da igualdade”.

A (con)junção entre a História Oral Multifacetada e Fronteiras é aquela, justamente, com avassaladora capacidade de enxergar muito além das

aparências. Por tal razão, possibilita a junção de muitas singularidades que resultam na grandiosidade da pluralidade.

Daremos um exemplo concreto de (con)junção no “espaço fronteiriço de luta”. Para tal, pinçamos fragmentos de duas narrativas das quarenta e três entrevistas já realizadas. Antes de apresentarmos os casos de Nora e Titi, vale a pena realizar uma breve explicação sobre o repertório de entrevistas. O entrevistado mais novo tem onze anos e o mais velho setenta e dois. O grupo conta com pessoas das seguintes nacionalidades: marroquina, espanhola, síria, iemenita, costa marfinense, camaronense, maliense, cubana, colombiana, venezuelana e brasileira. De alguma maneira, suas vidas foram afetadas pela fronteira de Melilla-Marrocos, quer tenham sido elas testemunhas de algum fato quer tenham sido protagonistas de acontecimentos na região fronteiriça.

Oito narrativas foram transmitidas em *tamazight* (“língua ancestral da grande maioria das populações magrebes”¹⁵) e uma em árabe. Houve a presença de um tradutor/interprete, sendo que as traduções/interpretações foram feitas de tais línguas ao espanhol. As trinta e quatro entrevistas restantes foram realizadas em espanhol (em alguns casos sob a condição de língua materna e em outros como segunda língua). Sendo a própria investigadora-entrevistadora estrangeira (brasileira), o estudo foi profundamente vivenciado como um encontro de culturas e línguas em contato, ainda que a mesma domine o espanhol. Para efeito de transmissão dissertativa fluída dos resultados obtidos pela pesquisa em questão, decidimos que sempre que o texto científico for escrito em português (como no caso deste artigo), daremos a conhecer os fragmentos das entrevistas neste mesmo idioma.¹⁶

Passemos, então, a discorrer sobre a (con)junção das narrativas de Nora e Titi (traduzidas do espanhol ao português¹⁷).

Nora testemunhou, no dia 21 de outubro de 2018, as condições dos imigrantes subsaarianos que haviam acabado de cruzar a fronteira de Melilla-Marrocos:

No domingo, saímos para passear e, de repente, nos vimos envolvidos, bem... Víamos um montão de imigrantes e logo nos vimos envolvidos por

¹⁵Fonte: KOSSMANN, Maarten, 2013, p. 13. Vide bibliografia.

¹⁶ As traduções (do espanhol ao português) das transcrições das 43 entrevistas estão em andamento, sendo realizadas pela investigadora Suzanne Maria Legrady.

¹⁷ As traduções das transcrições das entrevistas de Titi e Nora foram realizadas por Suzanne Maria Legrady.

eles, porque era uma nuvem de rapazes. A impressão, pois...muita tristeza. Muita tristeza porque os víamos muito mal, muito ensanguentados. Me lembro que vi um que tinha um corte em um braço. A roupa em tiras. Eu suponho que seria dos *enganchados*. Muito mal. Muito cansados. Alguns estavam sentados. Abatidos completamente. Mas a verdade é que logo estavam muito contentes. Já te digo que vitoriam, se alegravam. Nos olhavam e diziam: “Bossa, Bossa!”. “Viva Espanha! Viva Espanha!”. Eu que sei...Era uma coisa rara. Um sentimento raro, porque pensei no que passaram desde que saíram de seu país, até onde chegaram depois do grandíssimo esforço que fazem.

Nora se apresentou na entrevista como: “*centí*, espanhola, africana (do Norte da África), europeia e muçulmana (praticante na medida do possível)”. Se definiu como uma “afortunada por isso”. Nasceu na zona fronteiriça de Ceuta, o outro enclave espanhol africano. Depois de casada, mudou para Melilla. Ela é um exemplo da força de hibridação da zona fronteiriça. Seu testemunho nos dá muitas pistas da luta no espaço fronteiriço. Ela viu um “montão de imigrantes” com “as roupas em tiras”, “muito ensanguentados”, “muito cansados”, “abatidos completamente”, mas “alegres”, “vitoriam” e gritavam “Bossa¹⁸, Bossa”, “Viva Espanha! Viva Espanha!”.

Nora não foi testemunha solitária, já que estava com o seu marido, mas foi quem protagonizou a partilha narrativa, com a investigadora e com outros moradores de Melilla.

Há um elemento no testemunho de Nora que merece ser destacado: “suponho que seria dos *enganchados*”. A expressão “enganchados” está associada aos arames farpados e materiais cortantes que integram a cerca alambrada da fronteira. Apesar de tudo isso, o sofrimento e a exaustão não determinaram gritos de raiva, mas sim de vitória: “Viva Espanha! Viva Espanha!”. Ou seja, eles glorificavam a Nação (que faz parte da União Europeia) que lhes impôs diversas barreiras e lhes dificultou a entrada em território europeu, a ponto de sangrarem e ficarem completamente abatidos.

¹⁸ Bossa é uma expressão da língua fula que quer dizer “vitória”. É a palavra que os imigrantes gritam quando chegam em solo europeu.

Em 28 de Maio de 2014, foi Titi quem gritou “Boss, Bossa” ao colocar os seus pés em Melilla. Sua narrativa destaca até mesmo o detalhe da hora:

Saltei a *valla*¹⁹ de Melilla. Foi no dia 28 de maio de 2014 às 5:30 da manhã. Fomos como mais de dois mil pessoas e entramos quatrocentos e cinquenta pessoas. E fomos assim, sem nada. A rota do meu país até o Marrocos foi Nigéria, Níger, Argélia e Marrocos. Estive no Gurugú durante seis meses.

Thierry Feuteu, conhecido como Titi, é um jovem de vinte e três anos, nascido no Camarões. Em maio de 2014, portanto, tinha apenas dezoito anos. A experiência da passagem de um lado a outro é tão marcante que há a menção do horário na sua narrativa. O grupo que tentou saltar a *valla* era composto por milhares de emigrantes, mas foram 450 os que conseguiram transgredir a barreira fronteiriça e passaram ao *status* de imigrantes em solo europeu. Uma assombrosa quantidade que foi amplamente noticiada pela imprensa espanhola naquela ocasião²⁰.

Titi foi o último entrevistado da pesquisa, tendo concedido sua entrevista em abril de 2019, graças à indicação de um dos nossos primeiros entrevistados, Antonio Ruiz. Isso mostra, inclusive, a força que a História Oral Multifacetada tem para produzir um emaranhado de indicações de novas faces narrativas: de formar um conjunto de geografias humanas que vão se acoplando umas a outras.

Antes de cruzar a fronteira, Titi passou por uma longa caminhada entre o seu país e o Marrocos. As tensões foram múltiplas. Vivenciou momentos de muito medo e de grandes dificuldades. Morou no Monte Gurugú²¹ durante longos seis meses. O grandíssimo esforço de Titi resultou na sua vitória, a qual ele mesmo explicou:

¹⁹ Vide nota de rodapé 11.

²⁰ A título de exemplo, incluímos um link (nas fontes bibliográficas) da matéria do jornal *El Mundo* de 25 mai.2014, a qual apresenta um vídeo do momento do salto, fornecido pela *Delegación de Gobierno de Melilla*.

²¹ Espaço marroquino habitado pelos imigrantes até que consigam cruzar a fronteira (ou não).

Bem...agora estou muito feliz e contente de verdade. É que não foi fácil, mas tive boas pessoas que me ajudaram e, assim, não senti tanto o peso sobre mim. Como a ONG *Movimiento por la Paz* que me ajudou muitíssimo e meus companheiros de equipe. E eu trabalhei muito duro e sério para realizar meu sonho.

Aquele *grandíssimo* esforço que Titi fez (o mesmo *grandíssimo* esforço reconhecido por Nora na sua narrativa sobre o salto da fronteira mais recente) levou o jovem não apenas ao território europeu, mas a uma vitória maior ainda. Ele, atualmente, é jogador da equipe espanhola de *rúgbi*. No dia 17 de março de 2019, estreou na *Selección Española de Rugby*, em um jogo contra a Alemanha no Campeonato Europeu. Poucos dias antes da estreia, havia conseguido (finalmente) a sua permissão de residência em território espanhol. Concretizou algo que, há cinco anos, parecia fora de cogitação. E o passado se acomodou no presente, desenhando uma nova expectativa para o futuro:

Meu sonho agora é ser um grande jogador internacional algum dia e jogar nas melhores equipes do mundo e que nos classifiquemos com a seleção espanhola de *rugby* no próximo mundial e, logo, quero voltar ao meu país para abrir uma escola de *rugby* e ajudar às crianças sem pai e sem mãe.

Existe o devir na fala de Titi, sinalizado pelos seus planos futuros. Além disso, ele deixou uma mensagem final a outras pessoas que sonham cruzar fronteiras em busca de uma vida melhor:

O que posso dizer é que sempre é difícil deixar seu país, família e amigos para ir a outro país onde não se conhece, mas não tem que baixar a mão. Sempre há luta e lutar para conseguir o que temos ido a fazer. E nunca há de se baixar as mãos.

Titi se machucou e sangrou, ainda que “não muito”, conforme contou. Talvez tenha buscado amenizar a narrativa sobre o momento da dificuldade e o “não muito” foi a forma encontrada para isso. De toda maneira, ele lutou para transgredir o espaço fronteiriço e seu corpo sofreu as marcas dos “*enganchados*” retratados por Nora. Titi não se esqueceu do passado. Apenas acomodou sua forma de contar, porque a história do projeto migratório de Titi culminou em “vitória”. Contudo, não podemos nos esquecer que muitas outras histórias terminam em morte. Nora presenciou, naquele dia 21 de outubro, um imigrante caído no chão e “seus amigos cuidando dele”. No mesmo

dia, foi noticiado que aquele mesmo rapaz faleceu.²² Nora representou o espaço fronteiriço como o espaço de luta, evidenciando-o por meio da expressão “grandíssimo esforço que *fazem*”. Ela não flexionou o verbo no passado (esforço que fizeram) e, ainda que inconscientemente, imprimiu uma continuidade à ação, o que aponta a um devir, a outros grupos que estão por chegar. Ainda que o verbo esteja no presente, diz respeito a um *continuum* do movimento migratório.

Identificamos nas experiências de Nora e Titi, a coincidência da menção do termo “Bossa” (palavra de origem fula) que foi confundido, nas primeiras vezes que os imigrantes cruzaram a fronteira, com “Barça”. Os espanhóis pensavam, a princípio, que as celebrações dos africanos eram feitas com o apodo do time de futebol do Barcelona (“Barça”). A (con) fusão linguística foi aclarada quando houve a aproximação de sujeitos de culturas distintas e a aplicação do papel mediador da tradução.

Pensemos agora em como memórias orais se unem às memórias visuais. Detalhes se fusionam ao repertório das memórias dos sujeitos, fazendo com que o uso das imagens não seja meramente ilustrativo. A fotografia faz parte do nosso estudo como uma fonte documental que nos ajuda a compreender expressões, representações e informações integrantes de um contexto histórico. Seguindo o que foi abordado por Kossoy (2003, p. 39-40), buscaremos fragmentos do real:

O ato do Registro, ou o processo que deu origem a uma representação fotográfica, tem seu desenrolar em um momento histórico específico (caracterizado por um determinado contexto econômico, social, político, religioso, estético, etc); esta fotografia traz em si indicações acerca de sua elaboração material (tecnologia empregada) e nos mostra um fragmento selecionado do real (o assunto registrado).

Apresentaremos, a seguir, três fotos e mostraremos a intersecção com o campo sociolinguístico, representado pelo *clique* de uma máquina fotográfica e da produção da linguagem visual.

²² Fonte: Europapress, 21out.2018.

Foto 01: Imigrante “vestido” com a bandeira espanhola



Fonte: Jesús Morón/Ceuta

Foto 02: Imigrante com camiseta da Catalunha



Fonte: Nora Mohamed – Entrevistada em Melilla

Foto 03: Titi com a camisa da Selección Española de Rugby



Fonte: Arquivo pessoal de Thierry Feuteu

Além do grito “Bossa, Bossa!”, “Viva Espanha! Viva Espanha!” há outra simbologia associada ao acesso à terra sonhada, que frequentemente aparece nas manifestações dos imigrantes. É o “vestir-se” com o símbolo nacional, o qual é uma representação da “vitória” dos imigrantes, coincidindo com o momento do alívio e da sensação do: “eu consegui!”. Ahmed (2015) questiona o papel da bandeira vinculado meramente ao significado de amor nacional, afirmando que podemos sim considerar a bandeira como um “signo pegajoso”, o qual agrega outros significados à simbologia da nação unida. O “signo” que se pega, que gruda no “corpo” é que servirá de base para nossa análise.

O imigrante embalado na bandeira espanhola (foto 01) nos faz pensar no seu apego à vitória de ter chegado à “terra prometida”. Podemos observar uma sutil barreira, um limite fronteiriço marcado pela presença do policial espanhol. As cores vermelha e amarela também estão impressas no seu traje oficial. A bandeira veste os dois corpos que ocupam a pequena distância física fronteiriça entre o policial e o imigrante.

A urgência por um futuro mais promissor provoca o deslocamento dos emigrantes rumo a um lugar desconhecido. A introdução de novas barreiras

supervaloriza um lado e subestima o outro, ou seja, por meio da enfatização de diferenças são criadas mais expectativas e mais pontos de confrontação entre o já vivido (espaço de experiência) e o desconhecido (horizonte de expectativa). Tudo isso foi muito bem representado no cartoon do catalão Manel Fontdevila²³. O seu desenho mostra-nos com perfeição o horizonte de expectativa construído desde a negação de acesso ao “lado de lá”.



A veemência do “não passe” transporta o migrante ao sentimento de que tudo lá deve ser maravilhosamente melhor do que o experienciado do “lado de cá” da “*valla*”. O espaço fronteiriço é colocado como uma negação de “progresso” do próprio sujeito, fechando-lhe as portas para a sua travessia e, ao mesmo tempo, aguçando-lhe a predisposição de transgressão da barreira imposta (*Hay que entrar como sea*). A negação converte o espaço fronteiriço em espaço profícuo de luta, ou seja, não é uma luta apenas que dilacera, mas é uma luta que se move com a esperança, aquela que não baixa a guarda, conforme as palavras de Titi: “Sempre há luta e lutar para conseguir o que temos ido a fazer. E nunca há de se baixar as mãos”.

O que importa é que se ate as cores espanholas ao corpo em movimento (foto 02). Nora comentou: “É uma camiseta da comunidade catalã e supponho que seria porque se assemelha às cores da nossa bandeira”. Não sabemos se o imigrante que levava a camiseta tinha conhecimento que aquela

²³ Fonte: *El Diario*/2013

era uma peça que representa a Catalunha e que há a questão política em ebulição entre o espaço catalão e a pátria espanhola. O que podemos sim aferir é o gesto simbólico do “vestir-se com as cores do lugar almejado”.

Titi em uma entrevista que concedeu ao diário esportivo espanhol *Marca* (publicada em 11 mar.2019) afirmou: “Para mim é uma honra jogar com a seleção espanhola, defender sua bandeira e sua camiseta”. E o sorriso de Titi na foto 03 transmite esta honra também, a alegria e a satisfação estão estampadas em sua face. Estas expressões faciais também fazem parte da Fronteira Multifacetada, onde podemos encontrar uma (con) fusão de lágrimas e sorrisos.

As formas “pequenas e grandes” de Blommaert (2007), nestes dois casos apresentados, estão evidentes pelas marcas da linguagem oral (de Nora e Titi) e visual (através das fotos e do cartoon de Fontedevila). As entonações vocais verificadas em algumas partes das narrativas, como “grandiosíssimo” esforço (de Nora) e “que me ajudou muitíssimo” (de Titi), nos mostram como são importantes as pistas linguísticas de contextualização. Aliás, os dois utilizaram o grau superlativo absoluto sintético para darem ênfase a aspectos que acreditavam ser de grande relevância.

O ritmo conferido à narrativa de Titi está associado à euforia e é ágil. O de Nora ao “sentimento raro” (conforme suas próprias palavras), marcado por muitas pausas entre uma frase e outra. Além disso, notamos uma nítida marca paraverbal na narrativa de Nora: suspirou várias vezes durante sua narrativa.

A intensidade mais forte, tanto na fala de Nora quanto na de Titi, fez-se presente ao contarem sobre o resultado final, ou seja, a vitória da “transgressão do espaço de luta”, a conquista após tanto esforço.

A História Oral Multifacetada, enfim, é esta: da emoção das lutas e das vitórias, da comunicação verbal e visual, da tradução, interpretação e aferição de pistas de contextualizações linguísticas e discursivas. Acima de tudo é a História que constrói um Mosaico Humano de Diferentes Faces.

Conclusões

A fronteira é um espaço de luta, de espera, de persistência e, acima de tudo, de (con)junção de emoções. Sara Ahmed (2015, p.304, tradução minha) ressaltou como as emoções possuem a capacidade de manter as histórias fronteiriças vivas apesar da ação do tempo (p. 304, tradução minha):

As emoções nos dizem muito sobre o tempo; as emoções são a “carne” mesma do tempo. Nos mostram que o tempo que se leva para mover-se, ou seguir adiante, é um tempo que excede o tempo de uma vida individual. Através das emoções, o passado persiste na superfície dos

corpos. As emoções nos mostram como se mantêm vivas as histórias, inclusive quando não se recordam de maneira consciente; como as histórias do colonialismo, escravidão e violência dão forma às vidas e aos mundos no presente. O tempo da emoção não se refere sempre ao passado e como a este fica grudado. As emoções também abrem futuros, pelas maneiras que implicam diferentes orientações aos outros.

Estamos diante, portanto, de uma proposta investigativa que dá protagonismo para os corpos e as emoções em movimento. O interessante, inclusive, é que o olhar investigativo transfronteiriço seja aquele que oriente o trabalho, não se fixando a uma linha reta, mas que possa construir novos vínculos a partir de um zigue-zague de uma fonte a outra, de um assunto a outro, de um tema a outro, de um tempo a outro, de um sujeito a outro, de um grupo a outro. Por ser tão plural, esta tarefa envolve também um grande esforço transdisciplinar.

A tradução e a interpretação vão além da palavra, abarcando o gestual e o semiótico. A língua(gem) aqui é aquela que se associa a outras expressões e que forma a (con)junção entre oralidade, escrita, representações gestuais e visuais. Há muitos outros espaços fronteiriços tangíveis e intangíveis entre todas estas formas de expressão, os quais precisam ser identificados. Eles representam um infinito horizonte para novas investigações acadêmicas multifacetadas.

Titi flexionou o verbo na primeira pessoa do plural (“classifiquemos”) quando falou do futuro da seleção espanhola de rúgbi no panorama mundial, porque agora ele também faz parte daquele outro lado da *valla* que antes representava a expectativa. Contudo, Titi nunca deixará de fazer parte (também) do lado de lá, da sua raiz, da sua origem. Usar a camisa espanhola só lhe confere mais força para saltar tantas outras fronteiras que queiram interromper seus projetos. Toda a força de suas emoções ressignificou a fronteira traçada entre a luta e a vitória, entre a negação e a realização. Há muitas outras confluências na “fronteira das fronteiras”.que precisam ser reconhecidas e comunicadas.

A “combinação de milhares de situações particulares” (Lepetit, 1998, p.89), por meio de (con)junções fronteiriças múltiplas, confere um sentido próprio a cada uma destas situações e, ao mesmo tempo, encaixa cada uma delas a um panorama gigantescamente maior.

O tabuleiro de xadrez da grande partida mundial está riscado por contornos assimétricos. A riqueza da visão multifacetada está justamente na identificação destas múltiplas formas e das suas (con)junções. Como proposto por Portelli (1997, p. 16):

Assim, a História Oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico de colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos – a menos que as diferenças entre eles sejam irreconhecíveis que talvez cheguem a rasgar todo o tecido.

O trabalho investigativo realizado na “fronteira das fronteiras” Melilla-Marrocos cria sinergia com a proposta de Portelli do “mosaico de colcha de retalhos” cheio de pedaços diferentes. Sua função não é a de averiguar histórias de convulsão da geografia humana, mas sim de (con)junção dos sujeitos das diferentes faces que bordam essa grandiosíssima (com grau superlativo absoluto sintético) geografia humana das Fronteiras Multifacetadas.

Bibliografia

AHMED, Sara. **La Política Cultural de las Emociones**. México D.F: Programa Universitario de Estudios de Género/universidad Nacional Autónoma de México, 2015. Traducción de Cecilia Olivares.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155-200.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands**. La Frontera: The New Mestiza. 2. ed. San Francisco: Aunt Lute, 1999

BLOMMAERT, Jan. **The Sociolinguistics of Globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BRUNET-JAILLY, Emmanuel. **Theorizing Borders: An Interdisciplinary Perspective**. Geopolitics, Uk: Taylor & Francis, v. 10, p.633-649, 2005.

CALSAMIGLIA-BLANCAFORT, Helena; TUSÓN-VALLS, Amparo. **Las cosas del decir: Manual de análisis del discurso**. Barcelona: Editorial Ariel, 2001.

CASTRO, Ángel. Melilla, El viento de la Contradicción. *In*: CHICON, Peter; DOPPELBAUER, Max; GÁMEZ, Sonia (Ed.). Melilla-Viena: **Un inédito eje de investigación social**. Melilla: Instituto de Las Culturas, 2016. p. 9-17.

KOSELLECK, Reinhart. ‘Espaço de Experiência’ e ‘Horizonte de Expectativas’: duas categorias históricas. *In*: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. p. 305-327.

KOSSMANN, Maarten. Prefácio. *In*: HASSAN, Jahfar. **Curso de Lengua Tamazight**. Nivel Elemental. Melilla: Geepp Ediciones, 2013. p. 13-14.

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. *In*: SAMAIN, Etienne (Org.). **O Fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 41-47.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

LEPETTI, Bernard. Sobre a escala na história. *In*: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de Escalas**. A Experiência da Microanálises. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 77-102.

MEZZADRA, Sandro; NEILSON, Brett. **La Frontera como Método: O la Multiplicación del Trabajo**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2017.

MOHAMED, Jadu Dris. Rituales y costumbres imazigen: casamiento en el Rif. *In*: BELMONTE, José Luis López (Org.). **Aportaciones a la educación intercultural y a la diversidad cultural**. Melilla: Geepp Ediciones, 2017. p. 323-347.

MORENO-FERNÁNDEZ, Francisco. Sociolingüística de la Globalización. *In*: SILVA, Maria Eugênia Olímpio de Oliveira; MARTÍNEZ, Inmaculada Penadés (Ed.). **Investigaciones actuales en Lingüística**. Sobre la Lingüística y sus disciplinas. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2017. p. 117-138.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado da história oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. *In*: **Projeto História**, São Paulo, p.7-24, 14 fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *In*: **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p.25-39, fev. 1997b.

THOMPSON, Edward Palmer. **The poverty of theory and other essays**. London: Merlin, 1978.

Páginas Web

ALMUDEMA, Rivera. **Titi, el camerunés que saltó la valla y debutará con los 'Leones' este domingo**. Espanha, mar. 2019. Disponível em

<<https://www.marca.com/rugby/2019/03/11/5c8696f1268e3e02678b4589.html> >
Acesso em: 14 abr.2019.

EUROPAPRESS. **Un inmigrante fallece y otros 200 pasan a Melilla en un salto a la valla de unas 300 personas.** Espanha, out.2018. Disponível em <<https://www.europapress.es/ceuta-y-melilla/noticia-inmigrante-fallece-otros-200-pasan-melilla-salto-valla-300-personas-20181021124412.html>> Acesso em: 14 abr.2019.

SÁNCHEZ, Paqui. **Unos 500 inmigrantes acceden a Melilla tras saltar la valla en una de las mayores entradas.** Espanha, mai.2014. Disponível em <<https://www.elmundo.es/espana/2014/05/28/53856c10268e3e42098b456c.html>> Acesso em: 14 abr.2019.

Fontes Orais

FEUTEU, Thierry. Entrevistador: LEGRADY, Suzanne. Madri, Espanha. 02 abr.2019. (audioconferência)

MOHAMED, Nora. Entrevistador: LEGRADY, Suzanne. Melilla, África, 23 out. 2018.

RUIZ, Antonio. Entrevistador: LEGRADY, Suzanne. Melilla, África, 1 nov. 2018.

Abstract: This article talks about a transdisciplinary study based on the investigation developed (between October and December 2018) in the “fight” border area of Melilla-Morocco. The “patchwork quilt”, used by Alessandro Portelli, is woven with the help of cross-border conjunctions, conferring the Multifaceted perspective to the Oral History and interweaving it to other disciplinary fields, such as Linguistics, the Sociolinguistics of Globalization and the recognition of Visual Language signals.

Keywords: Borders, Melilla-Morocco, Oral History, Global History, Sociolinguistics of Globalization, Visual Language.
